



**DESENHAR E (D)ESCREVER.
INTEGRAÇÃO DE HISTÓRIA DA ARTE E PENSAMENTO
SOCIAL NA AMÉRICA LATINA (SÉCULO XIX)**

DIBUJAR Y (D)ESCRIBIR.

*INTEGRACIÓN DE LA HISTORIA DEL ARTE Y EL PENSAMIENTO
SOCIAL EN AMÉRICA LATINA (SIGLO XIX)*

DRAWING AND DESCRIBING.

*INTEGRATION OF ART HISTORY AND SOCIAL THINKING
IN LATIN AMERICA (19th CENTURY)*

Andrea Ciacchi¹ 

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil

Resumo: O trabalho apresenta uma proposta metodológica de abordagem da atuação e da produção de artistas visuais (pintores e fotógrafos; europeus e latino-americanos) que, tendo realizando viagens, curtas ou longas, ou se transferindo para países estrangeiros, dentro da América Latina, tenham produzido, além de obras inerentes aos seus campos artísticos (pinturas, desenhos, gravuras, fotografias etc.), também textos descritivos, narrativos e/ou analíticos (cartas, diários, relatos, relatórios, ensaios, livros, conferências, manifestos, artigos etc.), para comentar, analisar, ilustrar com palavras os cenários, os elementos e os aspectos das várias dimensões da alteridade (étnica, racial e social) da região com as quais tenham entrado em contato. O objetivo do trabalho é apresentar uma proposta de uma linha temática e metodológica capaz de superar a disciplinarização nos estudos voltados ao pensamento social e à produção

¹ Antropólogo pela Universidade de Roma – La Sapienza –, mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal da Paraíba e doutor em Estudos Ibéricos pela Universidade de Bolonha. E-mail: andrea.ciacchi@unila.edu.br.

intelectual sobre América Latina. Para exemplificar a proposta, será abordado o caso de Guido Boggiani.

Palavras-chave: Artistas viajantes; Relatos de viagem; Alteridades; América Latina, Guido Boggiani

Resumen: El trabajo presenta una propuesta metodológica para abordar la producción de artistas visuales (pintores y fotógrafos; europeos y latinoamericanos) que, habiendo realizado viajes, cortos o largos, o trasladándose a países extranjeros, dentro de Latinoamérica, produjeron, además de obras inherentes a sus campos artísticos (pinturas, dibujos, grabados, fotografías, etc.), también descriptivas, narrativas y / o analíticas (cartas, diarios, informes, reportajes, ensayos, libros, conferencias, manifiestos, artículos, etc.), para comentar, analizar, ilustrar con palabras los escenarios, elementos y aspectos de las diversas dimensiones de la alteridad (étnica, racial y social) de la región con la que han entrado en contacto. El objetivo del trabajo es presentar una propuesta de línea temática y metodológica capaz de superar la disciplinarización en los estudios orientados al pensamiento social y a la producción intelectual en América Latina. Para ejemplificar la propuesta, se abordará el caso de Guido Boggiani.

Palabras clave: Artistas itinerantes; Historias de viajes; Alteridades; Latinoamérica; Guido Boggiani

Abstract: This paper presents a methodological proposal to approach the performance and production of visual artists (painters and/or photographers; both Europeans and Latin Americans) who, having made short or long trips, or moving to foreign countries, within Latin America, have produced, in addition to works inherent to their artistic fields (paintings, drawings, prints, photographs etc.), also descriptive, narrative and/or analytical texts (letters, diaries, reports, reports, essays, books, conferences, manifests, articles, etc.), to comment, analyze, and illustrate with words the scenarios, elements and aspects of the various dimensions of otherness (ethnic, racial and social) they have come into contact with in the region. The objective of this paper is to present a proposal for a thematic and methodological approach capable of overcoming disciplinarization in social thought and intellectual production-oriented studies in Latin America. As an example, this study will address the case of Guido Boggiani.

Keywords: Traveling artists; Travel stories; Alterities; Latin America; Guido Boggiani

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.182111](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.182111)

*Recebido em: 19/02/2021
Aprovado em: 01/07/2021
Publicado em: 01/07/2021*

1. Introdução

É muito ampla a literatura científica sobre a produção artística latino-americana que, sobretudo nos séculos XIX e XX, a partir dos chamados “artistas-viajantes” – ou *artistas viajeros*, na América hispanófono – contribuiu para a formação de um acervo iconográfico frequentemente relacionado às várias formas da alteridade étnica, racial e social da região (CURIEL MÉNDEZ, GONZÁLEZ MELLO, GUTIÉRREZ HACES, 1994; ÁLVAREZ DE ARAYA CID, 2009; AMBRIZZI, 2011; BARROS, 2011; GIORDANO, 2009; PENHOS, 2012; SÁNCHEZ, 2014; 2017 e 2018; VILLEGAS, 2001). Na maioria dos casos, trata-se de trabalhos que, oriundos do campo acadêmico da história da arte, se debruçam sobre os mais variados aspectos estéticos, compositivos, técnicos das pinturas e das outras produções visuais. Nesse contexto, a proximidade do campo da história da arte com outros campos historiográficos tem também proporcionado uma certa ênfase na reconstrução das trajetórias dos artistas. Direta ou indiretamente, alguns desses estudos remete para o papel de mediadores culturais desses atores sociais, sobretudo quando as temáticas escolhidas, os contextos biográficos e institucionais de atuação e os canais de difusão das obras têm lidado com as diversas dimensões da alteridade, do exotismo à documentação.

Entretanto, parece-me que também é necessário considerar outros elementos para delinear, de forma mais completa, os mecanismos que levaram os artistas a construir o seu olhar sobre a cultura e a sociedade na América Latina e nos países que conheceram – e que ajudaram a reconhecer, em alguns casos. Mais ainda, é esse próprio olhar que, ao se tornar o tema principal desta proposta, precisa ser considerado em sua totalidade. Em outras palavras, se propõe aqui articular (ou seja, levantar, descrever e analisar, inclusive em perspectiva comparada, se e quando necessário) os múltiplos aspectos que, em volta das decisões propriamente estéticas (temas, técnicas, sujeitos, estilos), também propiciaram a

produção de outras *obras* – cartas, diários, cadernos de campo, relatos, relatórios, ensaios, livros, conferências, manifestos, artigos – que, por sua vez, alimentam e retroalimentam a compreensão das suas produções artísticas. Assim, as atividades artísticas tornam-se uma parcela (ainda que muito frequentemente prioritária) de atividades intelectuais mais amplas que parece agora necessário investigar, incluindo no alcance do gesto interpretativo aspectos às vezes negligenciados. Nessa perspectiva, não poderá ser desprezada a diferença de destinação das produções: sendo muito frequentemente as obras visuais voltadas para o “mercado” (incluindo as encomendas) (FERREIRA-ALVES, 2010) e os textos escritos limitados, às vezes, aos âmbitos privados e/ou familiares.

Funcionando como uma dobradiça epistemológica, essa inclusão de materiais a princípio “não estéticos”, mas nem por isso menos dotados de possibilidades interpretativas, deverá permitir esclarecer, inclusive (caso a caso e, em determinadas circunstâncias, também para grupos, círculos, instituições, onde cabível), as condições de produção e de recepção tanto das obras artísticas como desses *olhares*, materializados nos textos escritos. As intenções desta proposta dirigem-se para um emaranhado de debates, disputas e discursos. Pertencem a esse conjunto de materiais e elementos, em muitos casos, as reflexões sobre a nacionalidade, sobre a formação social, cultural, étnico-racial e mesmo econômica das comunidades às quais as e os artistas (inclusive imigrantes) pertencem ou sentem ou declaram ou optam por pertencer. Nesse sentido, defendo aqui a necessidade e a conveniência de se ambicionar a verificação das condições nas quais é possível incorporar essa produção aos acervos nacionais e latino-americano do pensamento social (político, geográfico, historiográfico e antropológico), forçando-lhes as fronteiras disciplinares que lhes foram impostas pelos dispositivos definidores das ciências sociais institucionalizadas.

Nesse contexto, parece-me necessário confrontar os materiais coletados ao longo das pesquisas concentradas na produção artística

(sobretudo quando inseridas em contextos metodológicos ou institucionais reconhecíveis como sendo da “história da arte”) com os resultados obtidos em investigações levadas a cabo, na América Latina, sobre o ensaísmo latino-americano, para que se possa verificar a hipótese da existência de laços (simbólicos, epistemológicos e/ou temáticos) de parentesco entre essas duas modalidades de produções, quando se debruçam, ambas, sobre aspectos decisivos das configurações sociais e culturais do continente.

2. Possibilidades pouco exploradas

Se, como veremos, experimentarmos uma abordagem alinhada com as propostas aqui apresentadas, creio que várias vantagens podem ser obtidas. Vantagens que se concretizariam graças a possibilidades que me parecem ainda pouco exploradas na literatura científica na América Latina, sobretudo na dimensão dos estudos sobre o pensamento social.

Uma delas, talvez a principal, permitiria levantar e formar um corpus de textos produzidos por artistas visuais para inseri-los no acervo mais geral do pensamento social produzido na América Latina no século XIX. Mas, também, creio que outras contribuições procederiam dessa proposta, como a compreensão dos nexos entre processos sociais e formas estéticas na América Latina, ou a visualização mais abrangente da produção de textos escritos por artistas visuais oitocentistas na região e, em perspectiva ainda mais ampla, a viabilidade de incorporar a produção (estética e textual) de artistas visuais na documentação do ensaísmo latino-americano no século XIX.

A pintura e a fotografia, desde meados do século XIX, também se configuraram, na América Ibérica, como setores em que práticas significativas reconduzíveis a diversos campos se entrecruzaram e constituíram outros tantos nexos com a vida econômica e social. No retrato, na paisagem, na pintura histórica e de costumes, nas charges, nos registros fotográficos, e, adentrando no século XX, também nas entrelinhas e

tessituras das vanguardas, foi necessário negociar significados e juízos, descrições e imaginários, inclusive através de mecanismos que viabilizassem a relação com o público e com o mercado, entidades que, por sua vez, também começaram a se conformar e se desenvolveram ao longo do período aqui considerado. Mas o olhar que aqui se pretende, ao mesmo tempo, antropológico, historiográfico e estético, não pode desconsiderar o “aparato social total” constituído não só pelas obras artísticas (numa palavra – as *imagens*), mas também pela produção textual (numa outra palavra – os *textos*) que essa categoria social se empenhou em produzir e, em alguns casos, divulgar. Imagens e textos não se contrapõem, mas, antes, se justapõem para a formação do que chamo, então, *aparato*² das e dos artistas visuais. Ele é composto pelo conjunto da sua obra “artística” e pela *re-união* dos seus escritos que possam se relacionar, direta ou indiretamente, com aquela obra. Desta maneira, repõe-se aqui o nexo entre formas estéticas e formas sociais (SCHWARZ, 1977), a relação dialética entre as formas (*todas* as formas produzidas pelas e pelos artistas, com imagens e com palavras) e a lógica dessas formas, no chão dos processos sociais reais. Nesse nexo, então, busco recuperar a dimensão etnográfica da atividade intelectual desses artistas.

Finalmente, também entendo essa reunião e a investigação sobre ela como a realização de um conhecido desafio que nos lançou há quase cinquenta anos Roland Barthes (1972: 3): “A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém”. Assim sendo, represento-me esse novo “objeto” como algo que, achado na rua, alguém pode apanhar para experimentar-se com e em volta dele, para verificar se vale realmente a pena continuar com ele. Mas ele, não pertencendo a ninguém, também está disponível para qualquer operação intelectual (epistemológica enquanto investigativa). Assim, imagino uma *sintopia*³

² Para desviar de possíveis equívocos, esclareço que aproveito a definição (menos corrente, no cotidiano), de aparato como “conjunto de instrumentos, equipamentos ou elementos necessários à realização de determinados objetivos”.

³ Aqui exploro a possibilidade aparentemente infinita de acoplar prefixos gregos ao termo, também helênico, que indica “lugar”. Assim como há e houve utopias, distopias etc, penso na *sintopia* como lugar de compartilhamento

disciplinar, um lugar que, sem se pretender interdisciplinar, também não está imune a contaminações.

3. Sugestões metodológicas

O problema metodológico desta pesquisa desdobra-se, principalmente, em duas questões, ambas relacionadas ao meu pressuposto, sintetizado na noção de *aparato*, sinteticamente apresentado acima.

Em primeiro lugar, a existência e a disponibilidade de *textos* escritos por artistas cuja fama (ou mesmo, apenas, presença nas histórias estéticas e sociais da América Latina) se deve às suas obras visuais (pintura, gravura, fotografia etc.). Em segundo lugar, o marco cronológico aqui assumido deriva diretamente da incorporação da noção de “longo século XIX” (HOBSBAWM, 2015) que, em termos de América Latina, implica em incluir no *corpus* possível as trajetórias e as produções de artistas (latino-americanos e não) que circularam tanto na América “hispanica” antes dos processos políticos que levariam, em algumas décadas, à formação dos estados nacionais (e que, portanto, poderão ter se envolvido nesses processos, em posições diversas, tanto estética quanto politicamente) quanto, justamente, nas “nações” surgidas daqueles processos, testemunhando (e/ou documentando, no sentido que mobilizariam os *aparatos*) nos seus materiais as alteridades produzidas e determinadas pelos processos sociais mais amplos da região, até as vésperas do surgimento das vanguardas mais significativas.

Desse modo, as escolhas pessoais, que podem e devem determinar o âmbito onde realizar os primeiros recortes de obras e textos, terão que ser voltadas à identificação de trajetórias relevantes, mas que possam se acomodar aos objetivos de um projeto dessa natureza, dentro desses marcos cronológicos.

de perspectivas disciplinares, disponíveis para uma gama ampla de modulações, articulações e mutações relacionais.

Ultrapassados esses dilemas e cumprida essa etapa, caberá então a construção de uma lista de artistas, acompanhada das obras disponíveis em arquivos digitalizados, para que se possa iniciar a etapa sucessiva, dedicada ao estabelecimento de tipologias que permitam levar em conta as possíveis formatações reais, com as modalidades de encontro e articulação entre obras visuais e obras textuais, para que se possa gerar uma nova lista, de *aparatos*, a serem finalmente analisadas em leitura cruzada e dialética das respectivas trajetórias biográficas, intelectuais e estéticas de cada artista.

Assim sendo, a título de exemplo e de provocação⁴, uma primeira lista que pode ser apresentada poderia ser composta por esses nomes, apresentados em ordem cronológica de nascimento:

NOME	NASCEU -MORREU	NASCEU / ATUOU
Hércules Florence	1804 - 1879	FRANÇA / Brasil
Alejandro Ciccarelli Manzoni	1808 - 1879	ITÁLIA / Brasil ; Chile
Léonce Angrand	1808 - 1886	FRANÇA / Peru
Eugenio Landesio	1810 - 1879	ITÁLIA / México
Ernest Charton	1816 - 1877	FRANÇA / Chile ; Argentina
José María Figueroa Oreamuno	1820 - 1900	COSTA RICA
Prilidiano Pueyrredón	1823 - 1870	ARGENTINA, Espanha
Désiré Charnay	1828 - 1915	FRANÇA / México
Giovanni Mochi	1831 - 1892	ITÁLIA / Chile
Franz Keller-Leuzinger	1835 - 1890	ALEMANHA / Brasil
William James	1842 - 1910	ESTADOS UNIDOS / Brasil
Tomás Povedano	1847 - 1943	ESPAÑA / Costa Rica
Eduardo Sívori	1847 - 1918	ARGENTINA
Modesto Brocos	1852 - 1936	GALÍCIA / Brasil
Benedito Calixto	1853 - 1927	BRASIL
Augusto Ballerini	1857 - 1902	ARGENTINA
Guido Boggiani	1861 - 1901	ITÁLIA / Paraguai
Ricardo Richon Brunet	1866 - 1946	FRANÇA / Chile

Vale acrescentar que uma pesquisa apoiada nesta proposta deveria pretender, na sua primeira fase, proceder à seleção de alguns artistas, com

⁴ No sentido dicionarizado de “ato ou processo de tentar causar uma reação; estimulação, incitamento, tentação” e não, evidentemente, de “ato, fala ou atitude de desrespeito; insulto, afronta, ofensa”.

base na disponibilidade de *aparatos* que permitam esclarecer, entre outros aspectos, as suas relações com as elites liberais da região, o alcance e as formas dos seus discursos racionalizadores a respeito tanto da arte como da nação e/ou da “sociedade” – e dos espaços que as conformam e/ou moldam. A possibilidade de articular as dimensões simbólicas das obras (visuais e textuais) passa, na perspectiva desta proposta, pela compreensão paralela das expressões dos artistas, nelas incluindo tanto as tecnologias de representação (narrativas, descritivas, cromáticas, plásticas, retóricas) empregadas, quanto as posições assumidas nos cenários sociais e intelectuais das suas épocas e dos seus lugares.

Finalmente, é necessário indicar que um momento importante da pesquisa terá a tarefa de verificar a consistência de uma hipótese pela qual será nos seguidores e praticantes (declarados ou não) dos *costumbrismos* hispano-americanos, sobretudo através da sua valorização do “folclore” e do “popular” (ORTIZ, 1992) que se encontrarão, principalmente, figuras selecionáveis. A verificação dessa hipótese parece facilitada, a priori, pela possibilidade de correlatar essa tendência – nas artes plásticas – com movimentos literários como o romantismo, o realismo e o naturalismo, cuja dimensão discursiva e literária poderá ser incorporada e explorada sempre que relacionável a trajetórias de artistas visuais.

4. O que ganharíamos com isso?

Como foi dito anteriormente, esta proposta apresenta o desafio de tentar incorporar o *pensamento* de determinados artistas (nas coordenadas temporais e nas situações sociais indicadas) no acervo mais amplo e geral do *pensamento* latino-americano que, a partir de perspectivas diferentes (epistemológicas, de campo, teóricas, políticas, de gênero textual etc.) se debruçaram sobre aspectos relevantes da realidade da América Latina, nomeadamente as suas *diferenças* sociais, étnicas, culturais – abordadas ou não como *alteridades*. Não é necessário acrescentar que considero

pertencer a esse acervo mais geral a rica contribuição constituída por numerosas dimensões do *pensamento geográfico*, também empenhadas na descrição, no estudo, na interpretação e, muitas vezes no questionamento, dos imbricamentos entre processos sociais e processos socioespaciais (MACHADO, 2000; LEITE, 2020).

Esse pensamento, incluído e registrado tanto nas suas obras artísticas quanto nos seus textos escritos, embora evidentemente em modalidades dotadas de peculiaridades e autonomia, pode ser incorporado aos acervos já abundantes (ALTAMIRANO, 2008; SCHWARCZ, 1993; PIZARRO, 2013; PAREJA, 2014; MARTÍNEZ PINZÓN, 2016; CIACCHI, 2019; LÓPEZ RODRÍGUEZ, 2019) que abordam, também em perspectivas teóricas e metodológicas distintas, as multifacetadas da reflexão oitocentista sobre os dilemas latino-americanos. Assim, esse desafio inclui a tentativa de localizar na produção que será estudada os antecedentes daquilo que Antonio Candido (1967: 153) descreveria, em trecho famoso de *Literatura e Sociedade*, para as primeiras décadas do século XX: “esta linha de ensaio, em que se combinam com felicidade maior ou menor a imaginação e a observação, a ciência e a arte constitui o traço mais característico e original do nosso pensamento”. Embora resultado de um olhar geral que se concentra sobretudo nas relações entre literatura e ensaio e ao caso brasileiro, o nosso mestre registra que esta tendência “[...] esboçada no século XIX, [...] se desenvolve principalmente no atual, onde funciona como elemento de ligação entre a pesquisa puramente científica e a criação literária, dando, graças ao seu caráter sincrético, uma certa unidade ao panorama da nossa cultura” (*Ibidem*). Com isso, porém, não entendo aqui enveredar para um levantamento ou uma abordagem de objetos anacrônicos como “ensaios visuais”. Os objetivos desta proposta voltam-se, muito claramente, para os *aparatos* que reúnem obras visuais e obras textuais – cuja coleta se deseja sugerir.

Assim sendo, para além do escoamento tradicional dos resultados da pesquisa em artigos científicos, parece-me necessário planejar a

organização de antologias de escritos de artistas, que configurariam uma novidade, ao menos no panorama editorial brasileiro. Se, neste quadrante do século XXI no qual, entre outros desafios, temos que reinventar epistemologias que permitam deixar para trás heranças que descobrimos incompletas e insuficientes⁵ – para dizer o mínimo –, viabilizar releituras de dimensões ainda pouco exploradas das contribuições oitocentistas pode ser uma vantagem adicional desta proposta. No caso específico do Brasil, uma certa hegemonia das ciências sociais institucionalizadas (nomeadamente a sociologia, a antropologia e a ciência política) sobre aquilo que elas mesmas têm definido como “pensamento social” tem dificultado a incorporação de outras dimensões, entre as quais a estética. Com algumas notáveis exceções (CANDIDO, 1981 [1959]; PONTES, 2011), que, porém, focam manifestações e fenômenos estéticos localizados nos campos da literatura e do teatro, respectivamente, contaminações entre ciência social e arte são muito raros, ainda que alcançando níveis de excelência, incluindo no panorama outros países latino-americanos (MICELI, 2003; GUTIÉRREZ VIÑALES, 2003; CURIEL MÉNDEZ, GONZÁLEZ MELLO, GUTIÉRREZ HACES, 1994; MALOSETTI COSTA, 2001). Seria paradoxal se, justamente em nome da derrocada desejada e possível de discursos competentes (CHAUÍ, 1981) cujo potencial de ocultamento é consistente com as estruturas, inclusive hierárquicas, dos campos acadêmicos contemporâneos, renunciássemos a explorar vias inéditas ou pouco frequentadas para a democratização horizontalizadora dos saberes e das práticas disciplinares. A justa crítica à circulação e à recepção passivas (e/ou ideologizadas) dos saberes “eurocentrados” não pode deixar passar ou mesmo fortalecer um saber unicamente “sócio-centrado”, ou, pior, “epístemo-centrado” que não aceite a incorporação dos saberes e das disciplinas inclinadas para a produção estética.

⁵ A minha proposta e o meu ponto de vista não se originam dos debates oriundos das viradas descoloniais e das suas repercussões e desdobramentos, mas as levam em conta, indiretamente.

5. Bom para pensar (e para concluir): Guido Boggiani

A título de exemplo, para que se possa visualizar melhor o tamanho do campo que se encontra aberto e disponível, convoco um meu compatriota, Guido Boggiani (1861-1902). Saído da Itália como pintor, um paisagista relativamente conhecido que circulava por vários ambientes acadêmicos, sobretudo em Roma, ele veio à América do Sul, pela primeira vez, em 1887, ficando na Argentina, antes e no Paraguai, no ano sucessivo. Concentrando suas viagens sobretudo no Chaco, em 1893 regressou à Itália, levando numerosos objetos indígenas, a maioria dos quais se encontra hoje no Museu de História Natural da Universidade de Florença (BIGONI, 2014), além de desenhos e esboços, sobretudo dedicados ao grafismo indígena da etnia Kadiwéu. Três anos depois voltou ao Paraguai, agora levando um equipamento fotográfico completo. Nesta segunda viagem, portanto, acrescentou um instrumento expressivo e descritivo novo, mesmo continuando a pintar e desenhar, cada vez mais interessado na vida e nas representações corporais das populações indígenas. Logo se tornaria um nome reconhecido, tanto na Europa como na América, como colecionador, artista e etnógrafo, inclusive graças às numerosas publicações que ele dedica aos temas do seu interesse, entre os quais também se inclui o estudo das línguas indígenas⁶.

Boa parte da sua fama, como se sabe, está ligada ao aproveitamento que das suas viagens, desenhos e publicações fez Claude Lévi-Strauss, que esteve entre os Kadiwéu na sua primeira viagem etnográfica, quando era professor de Sociologia na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, entre 1935 e 1936, e que escreveu sobre eles no quinto capítulo de *Tristes Tropiques*, publicado na França em 1955:

⁶ Entre 1894 ("Notizie etnografiche sulla tribù dei Ciamacoco". *Atti della Società Romana di Antropologia*. vol. 2, Roma, Società Romana per l'Antropologia) até 1900 (*Compendio de etnografia Paraguaya moderna*. Revista del Instituto Paraguayo, Asunción, v. 3, 1900), Boggiani publicaria cerca de vinte trabalhos, incluindo livros, vocabulários, e artigos em revistas italianas, paraguaias e argentinas. Cf. também MELIÁ (1997).

“[...]nesse miserável lugarejo de que parecia ter desaparecido até a lembrança da prosperidade que aí encontrara, 40 anos antes, o pintor e explorador Guido Boggiani, que nela parou por duas vezes, em 1892 e em 1897, deixando dessas viagens importantes documentos etnográficos [...], e um agradável diário de viagem” (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 181).

O “diário de viagem” é o volume *Viaggi d'un artista nell'America Meridionale. I Caduvei (Mbayá o Guaycurú)*, com 112 ilustrações, publicado em 1895 com a participação da “Società Geografica Italiana”. Traduzido tanto em português (BOGGIANI, 1945)⁷ quanto em espanhol (BOGGIANI, 2014), e tendo exercitado uma grande influência no meio etnoantropológico latino-americano⁸, e também na Europa⁹, inclusive, em época contemporânea, graças à repercussão da obra do mestre francês, tem tido uma fortuna crítica que nos servirá para o esclarecimento desta proposta. Uma consulta simples, realizada em duas das principais bases de dados com registros latino-americanos (Redalyc e Scielo), nas quais foram buscadas ocorrências em que o nome de Guido Boggiani aparecesse nos resumos ou nas palavras-chave de artigos científicos, deu resultados discretos: 5 (cinco) textos (GIORDANO, 2004; GIORDANO e REYERO, 2010; REYERO, 2012; KOKRHANEKLLI, BOSSERT E BRAUNSTEIN, 2015; DÁVILA, 2020). Já no “Google Scholar”, que não permite a utilização desses filtros, circunscrevendo a busca apenas ao critério linguístico, aparecem 396 resultados em português ou espanhol, entre os quais porém apenas cinco

⁷ Vale informar que essa edição brasileira contém Introdução e Notas de Herbert Baldus (1899-1970), etnólogo de origem alemã que foi um dos protagonistas da institucionalização da antropologia brasileira, a partir da época de 1930, além de incluir a tradução em português do “Estudo histórico e etnográfico” que havia aparecido na edição italiana de 1895, assinado por Giuseppe Angelo Colini (1857-1918), especialista em arqueologia pré-histórica, que trabalhou muitos anos no Museu Pigorini de Roma, que também conserva um rico acervo de objetos etnográficos coletados por Boggiani.

⁸ Darcy Ribeiro (2002, p. 162-163) narra um episódio que acabaria sendo uma espécie de “mito de fundação” da sua própria formação antropológica. Vale a transcrição, ainda que longa: “A primeira tribo com que trabalhei longamente foi a dos Kadiwéu [...]. Com os Kadiwéu foi que, de fato, aprendi a ser etnólogo, porque tanto eu os estudava a eles, como eles estudavam a mim e, por meu intermédio, à minha gente. Essa interação fecunda — a mais rica que tive — se viabilizou devido a um episódio eventual. Logo depois de chegar a suas aldeias, os índios, vendo-me com um livro de Guido Boggiani nas mãos, se interessaram, vivissimamente, por suas próprias pinturas e desenhos ali reproduzidos. Como para eles não cabia a informação de que era apenas um livro, comprável numa livreria, eu passei a ser o senhor daqueles vetustos papéis. Acresce que, nas nossas conversas, eles acabaram por recordar-se de Boggiani como um homem que tinha vivido muito tempo entre eles. [...] Pude verificar isso muito bem quando vi a reação emocionadíssima deles à notícia de que, ao sair de suas aldeias, ele havia sido assassinado pelos índios Xamakoko. Desde então, eu não era só o senhor daqueles papéis, com seus desenhos arcaicos: era o novo Bet'rra que voltava a eles. Vale dizer, era quase um membro da tribo, ignorante de tudo, mas com plenos direitos de se assenhorear do seu saber, perguntando sobre o que eu bem quisesse”.

⁹ Sobre a complexa circulação dos manuscritos de Boggiani, cf. Kokrhaneekli, Bossert e Braunstein (2015), que publicam inclusive trechos do diário inédito da primeira viagem de Boggiani à América do Sul, cuja edição completa aparecerá em 2019 (BOGGIANI, 2019).

(PECHINCHA, 2000; CONDE, 2002; COURTHÈS, 2014 e 2017; POBLETE, 2018) são de fato textos em que a figura e/ou a obra de Boggiani são o tema principal do paper¹⁰. O que eu quero sublinhar não é escassez (até porque considero que se trata de um acervo relativamente numeroso de trabalhos), mas as características dessas abordagens. Sem que se possa proceder, aqui, a um aprofundamento que categorize mais minuciosamente essas propostas, é possível dizer, entretanto, que se trata de trabalhos que consideram, separadamente na maior parte dos casos, três ordens de questões e de temas: 1) aspectos histórico-filológicos (incluindo informações sobre a circulação dos objetos, das imagens e dos textos, e registros biográficos); 2) aspectos iconográficos; 3) aspectos etnográficos.

A situação modifica-se substancialmente, salvo descuido da minha parte, apenas com a publicação na Argentina, em 2019, do diário da primeira viagem de Boggiani, precedido por um ensaio (BOSSERT e FRANCESCHI, 2019) que, justamente pela primeira vez, reúne essas três ordens, acrescentando, porém, um conjunto de observações que dão conta do que aqui se defende: ou seja, que a definição, a visualização e a análise do *aparato total* de Boggiani permite destacar, por um lado, o imenso valor documental do seu trabalho, que os autores definem “una crónica de la colonización” (p. 38) – ou seja, não só uma documentação etnográfica – mas, também, por outro, um projeto de *compreensão da realidade* que eu gostaria de chamar *ensaio*, incluindo expressões de emoção, indignação, entusiasmo, desagrado, comoção, pena. Não é raro encontrar formas semelhantes, em outras expressões tanto do ensaísmo latino-americano oitocentista quanto em narrativas de viagem do mesmo período, nas quais se articulam registros sociais, etnográficos, políticos, historiográficos, na maioria dos casos em perspectivas onde se destacam acentos subjetivos, justamente por não existir (ou não existir exclusivamente) a preocupação

¹⁰ Não é possível nem relevante para o tipo de argumento que pretendo utilizar aqui, realizar um levantamento em outros tipos de produções bibliográficas latino-americanas, como sobretudo capítulos de livros e teses e dissertações, onde há numerosas abordagens à obra de Boggiani.

com uma objetividade ou mesmo neutralidade científica. Muito significativa, nesse sentido, me parece a observação de Alfred Metraux (1930, p. 497), quando observa que “al tomar sus notas, Boggiani no perseguía un fin científico, y él mismo se habría sorprendido, tal vez, si entonces se le hubiera dicho que las observaciones que consignaba determinarían su carrera científica y contribuirían a colocarlo entre los mejores etnógrafos de Sudamérica” – localizando e sinalizando, dessa forma, a viabilidade de um conjunto expressivo (descritivo, iconográfico e emocional) para a sua inclusão em âmbitos e dimensões que hoje, “nós”, mesmo em contextos dominados pela epistemologia e pela busca da objetividade, podemos incorporar aos nossos acervos documentais. além disso, Bossert e Franceschi (2019, p. 53 e sg.) adentram em aspectos antes negligenciados nos estudos sobre Boggiani, apontando os débitos que o seu pensamento mantém com a “peculiar lógica de la colonización” (*Ibidem*, p. 53), incluindo com as práticas escravistas, corriqueiras naquelas regiões. Nesse conjunto “híbrido”, acrescenta-se (mas só no caso de Boggiani, não valendo para os demais artistas possivelmente convocáveis nesses estudos que aqui proponho) o fato de ele ter sido, também, um homem que, no seu perfil de burguês europeu, buscava “fortuna” na América do Sul, tentando se inserir em empreendimentos econômicos consistentes com a fronteira extrativista pela qual circulou, o que também colaborou para que “la imagen del indígena en la obra de Boggiani oscilo efectivamente entre dos polos: por un lado aquella apología descarnada de la dominación colonial, y por el otro una suerte de noción del buen salvaje” (*Ibidem*, p. 60).

Dessa forma, o conjunto da obra de Boggiani (ou seja: não só a produção iconográfica nem só a textual), justamente pela possibilidade de ser apreendida *em conjunto*, não permite apenas (como permitiu aos colegas que cuidaram dessa edição) desdobramentos analíticos e de pesquisa para a realocização dele mesmo no panorama do pensamento social latino-americano, mas pode também funcionar como um exemplo

replicável para outros artistas que apresentam *aparatos* semelhantes ou assemelhados.

É nesta perspectiva que, de forma talvez pouco comum nos artigos científicos, o que me interessou aqui, sobretudo por estar acolhido nas páginas de um periódico que se situa no meio de um ambiente caracterizado por interesses multidisciplinares envolvendo os diversos âmbitos da sociedade latino-americana, é lançar uma proposta que espero que poderá atrair para essas discussões os cultores das dimensões estéticas da vida cultural e, ao mesmo tempo, atrair para essas dimensões os especialistas nas ciências sociais e políticas. Creio que os ganhos epistemológicos serão mais significativos do que as eventuais perdas de identidades disciplinares. O que foi aqui apresentado não é nem um estudo de caso nem um informe sobre um projeto em fase inicial de desenvolvimento nem uma hipótese. É uma *proposta*, ao mesmo tempo mais modesta e mais pretensiosa, de desdobramentos possíveis, dirigida a uma esfera potencialmente extensa e indefinida de colegas, que poderão, sim, formular projetos e hipóteses, abrangendo sujeitos, aparatos, temporalidades e espaços mais ou menos numerosos e amplos. A listagem apresentada acima pretende, então, apenas exemplificar possibilidades e atizar curiosidades. Parece-me perfeitamente viável vislumbrar um cenário futuro, em que grupos de pesquisadoras e pesquisadores, de vários países e diferentes áreas do conhecimento, gerem e disponibilizem, nas formas e com as possibilidades que cada acervo consentir, um conjunto variado, mas consistente, de estudos capazes de acrescentar muito mais que pinceladas: perspectivas novas e renovadas na compreensão dos dilemas sociais e intelectuais do século XIX latino-americano. É certo que estudos dessa índole precisam também se deparar com e se posicionar com respeito a aspectos direta e indiretamente relacionados às estéticas europeias em contextos coloniais, às persistências e às mudanças e, evidentemente, também, com a diversidade com que esses elementos se apresentaram, se manifestaram (e/ou se ocultaram) e, por vezes,

desapareceram, em cada contexto nacional ou sub-regional da América Latina. Nessa perspectiva, é necessário também incorporar parcelas biográficas de cada trajetória individual (a eventual existência e localização, por exemplo, de estudos acadêmicos e a duração deles) à dimensão geral na qual se inserem e se tornam significativos os vários *aparatos*.

Por isso, finalmente, considero esse como um desafio para longa duração, que proporcione um retorno às pegadas ensaísticas que tanto têm contribuído, mais no nosso passado intelectual do que recentemente, à delimitação de coordenadas amplas e não parcelizadas da compreensão de realidades latino-americanas.

6. Referências

ALTAMIRANO, Carlos (dir.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. 2 vols. Buenos Aires: Katz, 2008.

ÁLVAREZ DE ARAYA CID, Guadalupe. Algunas fuentes compositivas de la pintura de costumbres en América Latina. **Aisthesis**, Santiago de Chile, n. 45, 2009, p. 137-153. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/aisthesis/n45/art09.pdf>. Acesso em: 19 fevereiro 2021.

AMBRIZZI, Miguel Luiz. O olhar distante e o próximo - a produção dos artistas-viajantes. **19&20**, Rio de Janeiro, v. VI, n. 1, jan./mar. 2011. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artistas/viajantes_mla2.htm. Acesso em 12 fevereiro 2020.

BARROS, José D'Assunção. A arte moderna e as apropriações da arte da América nativa. **19&20**, Rio de Janeiro, v. VI, n. 2, abr./jun. 2011. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/nativismo_jca.htm. Acesso em 9 abril 2020.

BARTHES, Roland. Jeunes chercheurs. **Communications**, Paris, n. 19, 1972, p. 1-5. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1972_num_19_1_1276. Acesso em 9 abril 2020.

BIGONI, Francesca. Guido Boggiani: intersezioni fra Etnologia e Arte. In: CECCHI, Jacopo Moggi; STANYON Roscoe (a cura di). **Il Museo di Storia Naturale dell'Università degli Studi di Firenze. Le collezioni antropologiche ed etnologiche**. Firenze: Firenze University Press, 2014, p. 169-175.

BOGGIANI, Guido. **Viaggi d'un artista nell'America Meridionale. I Caduvei**. Roma: Loescher, 1895.

BOGGIANI, Guido. **Os Caduveo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

BOGGIANI, Guido. **Los Caduveos**. *Diario de Viaje*. Asunción: CEADUC, 2014.

BOGGIANI, Guido. **Un artista en la América meridional: Diario de los viajes por Argentina, Paraguay y Brasil (1887-1892)**. Editado por Federico Bossert; Zelda Alice Franceschi; José Alberto Braunstein. Buenos Aires: Asociación Civil Rumbo Sur, 2019.

BOSSERT, Federico; FRANCESCHI, Zelda A. El diario perdido de Guido Boggiani. In: BOGGIANI, Guido. **Un artista en la América meridional: Diario de los viajes por Argentina, Paraguay y Brasil (1887-1892)**. Editado por Federico Bossert; Zelda Alice Franceschi; José Alberto Braunstein. Buenos Aires: Asociación Civil Rumbo Sur, 2019, p. 13-86.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981 [1959].

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Moderna, 1981.

CIACCHI, Andrea. Ensinar (História da) Antropologia no Brasil: um ensaio bibliográfico latino-americano. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, v. 13, n. 2, 2019. p. 351-376. DOI: <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n2.2019.23912>.

CONDE, Nayara. Las expediciones científicas y los indios de Brasil. **Aisthesis: Revista chilena de investigaciones estéticas**, Santiago de Chile, nº. 35, 2002, pp. 57-61. Disponível em: <http://revistaaisthesis.uc.cl/index.php/RAIT/article/view/4482/4152>. Acesso em 19 fevereiro 2021.

COURTHÈS, Eric. Amado Bonpland y Guido Boggiani: eslabones perdidos del americanismo. **Amerika**, Rennes, n. 10, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/amerika.4784>.

COURTHÈS, Eric. Guido Boggiani: el amante anti racialista del otro indígena. **Amerika**, Rennes, n. 17, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/amerika.8320>.

CURIEL MÉNDEZ, Gustavo; GONZÁLEZ MELLO, Renato; GUTIÉRREZ HACES, Juana. (coords.). **Arte, Historia e Identidad en América. Visiones comparativas**, XVII Coloquio Internacional de Historia del Arte, 4 tomos. México: UNAM, 1994. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=375783>. Acesso em 9 abril 2020.

DÁVILA, Lena. Un legado en disputa. La Colección Boggiani y el litigio Robert Lehmann-Nitsche-Vojtěch Frič. **Runa**, Buenos Aires, vol. 41, núm. 2, 2020, Abril/Oct. , pp. 279-299. DOI: <https://doi.org/10.34096/runa.v41i2.8286>.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (org.). **A Encomenda. O Artista. A Obra**. Porto: CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2010.

GIORDANO, Mariana. De Boggiani a Métraux. Ciencia antropológica y fotografía en el Gran Chaco. **Revista Chilena de Antropología Visual**, Santiago de Chile, n. 4, julho 2004, p. 365-390. Disponível em: <http://www.rchav.cl/americanistas3/De%20Boggiani%20a%20Metraux.htm>. Acesso em: 19 fevereiro 2021.

GIORDANO, Mariana. Nación e identidad en los imaginarios visuales de la Argentina. Siglos XIX y XX. **Arbor**, Madrid, v. 185, n. 740, 2009, p. 1283-1298. Disponível em: <http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/395>. Acesso em: 8 março 2020.

GIORDANO, Mariana; REYERO, Alejandra. La representación fotográfica de la sonrisa en las imágenes etnográficas chaqueñas de Guido Boggiani y Grete Stern. **Argos**, Caracas, v. 27, n. 53, 2010, p. 59-90. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0254-16372010000200004&lng=es&nrm=iso&tlng=es. Acesso em 19 fevereiro 2021.

GUTIÉRREZ VIÑALES, Rodrigo. El papel de las artes en la construcción de las identidades nacionales en Iberoamérica. **Historia Mexicana**, México, v. LIII, n. 2, p. 341-390, 2003. Disponível em: <https://historiamexicana.colmex.mx/index.php/RHM/article/view/1461>. Acesso em 19 fevereiro 2021.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

KOKRHANEKLLI, María V; BOSSERT, Federico; BRAUNSTEIN, José A. Río arriba: el viaje iniciático de Guido Boggiani. **Folia Histórica del Nordeste**, Corrientes, n. 23, 2015, p. 265-303. Disponível em: <https://revistas.unne.edu.ar/index.php/fhn/article/view/43>. Acesso em 19 fevereiro 2021.

LEITE, Thomaz Menezes. As críticas do estudo do passado na Geografia. **Terra Brasilis**. São Paulo, v. 13, 2020, p. 1-20. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.6283>.

LÓPEZ RODRÍGUEZ, Mercedes. **Blancura y otras ficciones raciales en los Andes colombianos del siglo XIX**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2019.

MACHADO, Lia Osório. As idéias no lugar. O desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX. **Terra Brasilis**. São Paulo, v. 2, 2000, p. 1-15. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.298>.

MALOSETTI COSTA, Laura. **Los primeros modernos. Arte y sociedad en Buenos Aires a fines del siglo XIX**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

MARTÍNEZ PINZÓN, Felipe. **Una cultura de invernadero: trópico y civilización en Colombia (1808-1928)**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2016.

MELIÁ, Bartomeu. Antropólogos y antropología en el Paraguay. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, v. 3, n. 7, p. 24-35, Nov. 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831997000300024. Acesso em 26 janeiro 2021.

MÉTRAUX, Alfred. Introducción. In: **Revista del Instituto de Etnología**, Tucumán, Instituto de Etnología, Vol. 1, 1930, p. 495-500.

MICELI, Sergio. **Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

ORTIZ, Renato. **Cultura popular: românticos e folcloristas**. São Paulo: Olho D'Água. 1992.

PAREJA, Roberto. **Entre caudillos y multitudes: modernidad estética y esfera pública en Bolivia, siglos XIX y XX**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2014.

PECHINCHA, Mônica Thereza Soares. Memória e história entre índios brasileiros: os Kadiwéu e seus etnógrafos Darcy Ribeiro e Guido Boggiani. **História Revista**, Goiânia, v. 5, n. 1/2, p. 151-163, jan./dez. 2000. DOI: <https://doi.org/10.5216/hr.v5i1.10594>.

PENHOS, Marta. Viajes, viajeros e imágenes: una relación necesaria. In: BALDASARRE, María Isabel; DOLINKO, Silvia (eds.), **Travesías de la imagen. Historias del arte en la Argentina**. Buenos Aires: Centro Argentino de Investigadores de Arte/ EDUNTREF, Archivos del CAIA IV, Tomo II, 2012. Disponível em: https://issuu.com/lucianarodriguezc/docs/marta_penhos_-_viajes_viajeros_e_im. Acesso em 19 fevereiro 2021.

PIZARRO, Ana (ed.). **América Latina: palabra, literatura y cultura**. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2013.

POBLETE, Emilio Vargas. Guido Boggiani y la Historia del Arte: la labor fotográfica y pictórica del etnógrafo italiano. **Círculo Cromático**, Santiago de Chile, n. 1, 2018, p. 65078. Disponível em: <https://revistacirculocromatico.files.wordpress.com/2018/10/08-emilio-vargas-boggiani.pdf>. Acesso em: 19 fevereiro 2021.

PONTES, Heloísa. **Intérpretes da Metrópole: História Social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968**. São Paulo: EDUSP, 2011.

REYERO, Alejandra. Imagen, objeto y arte: la fotografía de Guido Boggiani. **Iconos. Revista de Ciencias Sociales**, Quito, n. 42, 2012, pp. 33-49. DOI: <https://doi.org/10.17141/iconos.42.2012.362>.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 590 p.

SÁNCHEZ, Fernando M. Imagen, poder y verdad. Indagaciones antropohistóricas en torno a la producción visual de la alteridad. Ponencia. In: **XI Congreso Argentino de Antropología Social**. Rosario: UNR, 2014. Disponible em: https://www.academia.edu/37516566/Imagen_poder_y_verdad._Indagaciones_antropohist%C3%B3ricas_en_torno_a_la_producci%C3%B3n_visual_de_la_alteridad. Acesso em 9 abril 2020.

SÁNCHEZ, Fernando M. La construcción visual de la nación y sus otros. Imágenes y alteridades en la Patagonia argentina. **Memoria y Sociedad**, Bogotá, vol. 21, n. 43, 2017, pp. 86-103. Disponible em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0122-51972017000200086. Acesso em: 19 fevereiro 2021.

SÁNCHEZ, Fernando M. Imágenes de vidas extrañas. Derivas históricas de la construcción visual de las diferencias. **(En)clave Comahue**, Neuquén, n. 24, 2018, pp. 121-142. Disponible em: <http://revela.uncoma.edu.ar/htdoc/revela/index.php/revistadelafacultad/article/view/2110>. Acesso em 19 fevereiro 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

VILLEGAS, Fernando. El costumbrismo americano ilustrado. El caso peruano. Imágenes originales en la era de la reproducción técnica. **Anales del Museo de América**, Madrid, v. XIX, 2001, pp. 7-67. Disponible em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4149969>. Acesso em 9 fevereiro 2021.